

O Dr. Nicolau Rubakine

apóstolo da instrução

de CORREIA DE SOUSA

I

A Pedagogia, precisamente por ser a ciência da educação, é o mais delicado e responsável ramo de actividade humana.

As misérias sociais, que não são apenas a falta de pão nem os fardos ambulantes de andrajões que parecem afirmar a queda dum império industrial de que só restassem farrapos, apaixonaram corações e espíritos votados com amor à penosa tarefa de as atenuar, muitos dos quais levaram a sua paixão a impulsos de romântica emoção em que se revela a fé do seu esforço se transformar em potente tufão empenhado em varrer da terra as misérias. E a tão elevado grau subiu a paixão, tanto consolidaram e a tão alto elevaram a fé e tanta intenção e extensão deram ao seu heroico sacrifício que chegaram, não raro, a esquecer o potencial de resistência, como prêmio oposto à realização das suas inquietações, dos seus veementes anseios, que lhes valeu serem acusados de loucuras, por falta de visão. Mas o que de humanamente grandioso havia no centro motor desse esforço teve o grande mérito de deixar a afirmação de que o pensar e o sentir desses apóstolos era um poema de humanidade e isso é grande bastante para transformar as próprias loucuras em bronze que não perpetuam esses loucos-santos e para lhes franquear na História o espaço que não ocupam. Assim a Pedagogia conta os seus apaixonados, seus heróis, seus sacrificados.

Desde que o espírito de investigação estabeleceu que a ignorância é a origem de todos os males e que no reino das suas trevas não pode haver civilização, os povos vão assistindo ao despontar e elevar-se, nos horizontes da verdade, do sol radiante da Pedagogia, saudando-a em apoteóticos anseios de luz salvadora!

Os dirigentes dos povos vão cedendo à pressão do espírito das épocas progressivamente renovadoras, inscrevendo nos orçamentos dos Estados, para edificação de escolas, para o maquinismo do ensino, parte do erário público, do qual os governos são penas depositários. A Pedagogia faz progressos.

Mas a pedagogia é sempre Pedagogia independentemente—não para nós—dos métodos pedagógicos adotados. Porém, o espírito de investigação segue o seu ritmo. Os progressos pedagógicos operam-se sempre e

mais à margem do que dentro do Estado, que os adota por medida e à mistura ou em fusões híbridas. Os métodos são cataclismos. A tarefa dos cientistas do ensino dá vida a novas épocas, novas leis.

Por sobre os cantões da Suíça, elevando-se por sobre os Alpes, irradiando luz por todo o mundo, surge um clarão na ciência do ensino. O país não está em festa, os povos não o saudam, mas no berço está o deus menino da Verdade—Pestalozzi, que foi para a Pedagogia o que Copérnico e Galileu haviam sido para a Astronomia, para a ciência experimental, e o que Descartes fôra para a Filosofia.

E quantos e quão dedicados apóstolos por esses tempos fora se têm votado, com um carinho e um amor verdadeiramente paternais, à mais útil e generosa de todas as tarefas a que bons corações e lúcidos espíritos se entregam, cosinhos do alimento do espírito, obreiros da luz cuja existência os povos famintos, cegos pela ignorância, eternamente desconhecem!

Tão pouco divulgados, quasi ou totalmente ignorados pelas multidões das trevas, esses vultos parece terem passado pela vida como seres execráveis—sem direito a serem recordados, ao menos, por terem sabido sacrificar a vida num exaustivo labor de nobilíssimo exemplo.

A gratidão nem sempre revela o sentimento de alma escrava. E os povos só têm que recordar e ser gratos àquelles que, pelos povos e para os povos, viveram entregues a uma actividade de frutos preciosos e de mérito universalista. Por isso mesmo credores da nossa grata admiração, eles têm, não obstante, como homenagem das gerações para quem viveram, o prêmio do silêncio e das trevas de cujas entranhas tenebrosas tanto espírito arrancaram. Parece que um poder misterioso se encarrega de os apagar na memória dos povos, os furta à gratidão conquistada nas batalhas ingentes contra a obscuridade.

Todavia, não morreram. Pelo que fizeram, pelo que se lhes deve, a memória desses vultos é património social. São de todos os povos e de todas as épocas—viverem sempre. Nêles está o *abstractum* das humanas vestes morais e espirituais da vida social. Que há séculos elles tenham desapreciado do nosso convívio ou que existam ainda mas não divulgados na sua obra; quando os esquecermos ou os

ignoramos, a nossa ingratidão comete um delicto de lesa-Humanidade—sepultamo-los vivos.

Grande coração das mais excelentes virtudes em peito aberto ao sofrimento alheio, alma eslavada disposta ao sacrifício pelo seu semelhante, o dr. Nicolau Rubakine, que realizou o tipo perfeito do pedagogo teórico e prático, é uma dessas figuras astrais da educação a quem a ingratidão mantém vivo no sepulcro, em vez de o colocar no altar da luz, lugar que lhe foi determinado pelo seu extraordinário esforço, pela obra colossal que edificou, obra conhecida apenas por meia dúzia, efectuando aquela percentagem dos privilegiados do saber e do estudo, amigos de conhecer as figuras que dão leis ou foram notáveis. Por vezes, encontra-se, nessa percentagem, quem se imponha o dever de contribuir para que o grande público conheça da existência e trabalhos daqueles que souberam ser grandes pela sua actividade em benefício da grei social.

Assim o entenderam Viana de Lemos e Ferreira da Costa, que há anos nos deram a versão em português do livro magistral do grande educador Adolfo Ferrière. *Transformemos a Escola*, é um livro no qual Ferrière lega o catecismo da Verdade—as leis bíblicas do destino dos povos. E' o mais rico e precioso tesouro que um pai pode oferecer ao filho.

Apaixonado da nobre arte de completar seres humanos, animador da *Escola activa*, o grande mestre peregrina pelo mundo, propagando e defendendo aquela arte sublime, seleccionando e defendendo métodos como os de Montessori, Decroly, Gründtvig, etc., guiado por uma grande lei: «aprender não basta, diz DeJardins, é preciso compreender».

E' nesse livro, rara preciosidade, que nós encontramos, traçada com o relêvo da sua obra gigantesca de amoroso educador, a figura de Rubakine.

Inspirado no princípio de Claparède, «a escola por medida», Nicolau Rubakine funda uma grande «Universidade popular por correspondência». «O número de estudantes—diz Ferrière, referindo-se, a pág. 157 e seg., ao eminente pedagogista—ou, melhor, dos correspondentes da sua *Universidade* (operários, lavradores, pequenos empregados e soldados) já se elevava em 1915 a 5.496. A ideia de Rubakine consiste no seguinte: há

(Continúa na página imediata)